

CRENÇAS E EXPECTATIVAS DE EX-ALUNOS DA ESCOLA NORMAL DE CAMPINAS NO PERÍODO 1920-1936

Maria de Lourdes PINHEIRO¹

RESUMO

Através de uma abordagem histórico-cultural, o presente artigo apresenta uma discussão acerca das representações de ex-alunos da Escola Normal de Campinas no período 1920-1936. Ao tentar captar os movimentos de continuidades e rupturas, que se articulam a signos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre os sujeitos, observou-se que as representações das práticas vivenciadas projetavam-se como símbolos de uma época. O texto apresenta também uma breve discussão sobre a questão da memória procurando demonstrar como as diferentes percepções recriam o passado, além de analisar as ideias e as preocupações daqueles que buscavam a formação de professores na referida instituição.

Palavras-chave: Representações. Escola Normal. Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Dívida
Queria subir de novo
a rua Luzitana,
de volta da escola.
Passar pelas meninas que estivessem
jogando amarelinha.
Saudar, como fazia sempre,
a moça debruçada na janela
da casa da vizinha.
Abrir a porta de vidro,
após a escada,
atravessar o mesmo corredor.
Chegar à sala...
Deixar no quarto os livros sobre a mesa
e a tarefa escolar daquele dia.
Tomar água da talha,
ir ao quintal.
E, quando minha mãe chegasse do trabalho
dar-lhe ia o beijo filial que lhe devia.
(REIS, 1996, p. 77)

O presente artigo tem como finalidade apresentar uma discussão acerca das representações de ex-alunos da Escola Normal de Campinas² no período 1920-1936, visando

¹Doutora em Educação (área de História, Filosofia e Educação) e Pesquisadora do CIVILIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania) da Faculdade de Educação/Unicamp, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Menezes, pinheiro.lou@gmail.com

²Atual “EE Carlos Gomes”. No período delimitado para esta pesquisa, a instituição recebeu a denominação “Escola Normal de Campinas” com a Lei Estadual nº 1.750, de 08 de dezembro de 1920, conhecida como Reforma Sampaio Dória. Mas, por Decreto Estadual de 19 de maio de 1936, seu nome mudou para “Escola Normal Carlos Gomes”, em homenagem ao músico campineiro.

contribuir para a história das instituições de ensino da cidade de Campinas/SP, sobretudo para a preservação de parte da memória histórica de uma instituição escolar então responsável pela formação de professores.

A pesquisa foi realizada com base em uma perspectiva histórico-cultural que “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17). Quanto às representações, para Chartier (1991, p.184) são “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade”. O autor observa que os sujeitos fazem de suas práticas, das práticas de outros grupos, da escola, dos agentes escolares, da sociedade, do papel que a escola deve ter na sociedade, bem como a posição que assumem e que os identificam são representações de práticas que produziram.

[...] As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p. 183).

Ao tentar captar os movimentos de continuidades e rupturas, que se articulam a signos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre os sujeitos, observou-se que as representações de práticas vivenciadas projetavam-se como símbolos de uma época.

O texto apresenta também uma breve discussão sobre a questão da memória procurando demonstrar como as diferentes percepções recriam o passado, além de analisar as ideias e as preocupações daqueles que buscavam a formação de professores na Escola Normal de Campinas.

DE MUITO LONGE, NO TEMPO E NA SAUDADE...

História, memória e narrativas são perpassadas pelo tempo, um tempo individual que é absorvido pelo tempo social. Os diferentes tempos e espaços e as diferentes percepções recriam o passado, dando-lhe um *status* de mobilidade e trazendo um novo que não é único, mas que, de alguma forma, aponta tendências (BOSI, 1994). Além disso, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e os grupos de referência que lhe são peculiares. Neles encontra sinais de reconhecimento e de pertencimento. Para Prost (1998, p.129), “[...] O grupo só existe na medida em que existe voz e representação [...]”.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer com imagens e ideias de hoje, as experiências passadas. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão à disposição do indivíduo, no conjunto de representações que povoam sua consciência atual. Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que se experimentou no passado, porque não se é mais o mesmo de então e porque a percepção alterou-se e, com ela, as ideias, os juízos de realidade e de valor.

Quando se quer lembrar o que aconteceu nos tempos passados, confunde-se muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças. Daí o caráter não só pessoal, mas social da memória: “[...] muitos acontecimentos que pensamos recordar a partir de nossa própria experiência, na realidade nos foram contados e então tornaram-se parte indistinta de nossa memória” (LOWENTHAL, 1998, p.81).

Quando um grupo trabalha em conjunto passa a criar esquemas de narração e de interpretação dos fatos, que dão às suas lembranças uma forma histórica própria. Se, ao contrário, não acontece a elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações, o efeito será o de esquecer tudo quanto não seja significativo para o grupo de convívio da pessoa. Os fatos que não foram testemunhados se perdem, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, e quando o sujeito os chama à memória, não vem o reforço contínuo dos outros. Parece-lhe, assim, que sonhou ou imaginou tais situações.

A sucessão de etapas na memória é dividida por marcos onde a significação da vida se concentra: para os ex-alunos da Escola Normal de Campinas, o primeiro dia de aula, as festas, a formatura, dividem suas histórias em períodos.

De acordo com Bosi (1994), o tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele, de forma que cada grupo vive diferentemente o tempo da família ou o tempo da escola. Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão, pois cada geração tem, de sua época, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história.

Como são agradáveis [...] as reminiscências, as recordações da Normal de 1918!

Época em que a vida era menos agitada, mais ao alcance dos que lutavam sem esmorecimento, com prazer e alegria, pela própria subsistência, pela manutenção da família, pela educação e formação moral, cívica, profissional e religiosa de seus filhos.

Escola Normal! Patrimônio magnífico de Campinas, Princesa d’ Oeste, cidade culta, privilegiada, sempre acolhedora, sempre nobre, sempre progressista [...] (CORRÊA, 1959).

Atualmente, o prédio histórico da “velha Normal” encontra-se tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC), em 24 de abril de

1997, de acordo com o Processo de Tombamento n.3/97, do CONDEPACC. Entretanto, mesmo que as pedras fossem mudadas de lugar, não se consegue destruir os vínculos com que as pessoas se ligavam a elas. As pedras e os materiais podem não resistir ao tempo, mas o grupo resiste e essa resistência une-se à memória e as repõe em seu lugar antigo.

A escola é um lugar de memória e quando o olhar atravessa a espessura do tempo, distingue vestígios reconhecíveis de sua história: o desenho quadrangular da sala de aula, a porta de entrada próxima à cadeira do mestre, o alinhamento das carteiras, o agrupamento dos alunos sob o paradigma numérico, segundo idade e nível de aprendizagem, e o ensinamento em grupo a partir de horário e programa preestabelecidos (SOUZA, 2000).

Em um artigo de jornal de 1997, Célia Siqueira Farjallat (ex-aluna da turma de 1935) fez uma observação sobre os lugares em que se sentavam,

Vocês, que foram alunos em qualquer tempo no passado, visitem as classes, e não se assustem com algumas mudanças. Até as lousas, onde a gente resolvia os problemas do prof. Mário Natividade, ou fazia os desenhos pedagógicos do prof. Marcelino Velez, embranqueceram, como nossos cabelos. E as carteiras, meu Deus, em tantos anos de uso, desgastaram-se. Lembram-se como eram, quase todas, duplas, e os alunos sentavam-se aos pares? Fui par da Clarice, durante alguns anos [...]. Os meninos eram poucos, e seus lugares ficavam lá na frente. De minha carteira, via os perfis do Melo Braga, do Nista, do Toledo, do Sólon, do Weimar, todos ainda imberbes, muito tímidos, e acredito, sonhando já com poemas e jornais, e dispostos para a grande aventura de crescer, de conquistar o mundo (FARJALLAT, 1997).

Uma questão relevante a ser observada é quanto ao número de rapazes e moças. A preponderância das matrículas da seção feminina sobre a masculina mostrou-se constante durante toda a história da Escola Normal de Campinas, o que a caracterizou como uma instituição de predominância feminina. O fato pode ser explicado em parte. Havia na cidade um ginásio do Estado³ que tinha a preferência masculina, mesmo daqueles que pretendiam ser professores, pois, na época, o aluno que concluísse o curso ginasial e realizasse um ano de prática de ensino em qualquer grupo escolar oficial receberia a habilitação para o magistério.

Razões de natureza cultural também podem ser identificadas como, por exemplo, o fato de a educação das crianças ser vista como uma tarefa da mulher. Apelando-se para o argumento de que a natureza feminina e o instinto maternal são voltados para o cuidado e a guarda natural da criança, tornava conveniente que ela soubesse como realizá-la, se não para ter uma boa profissão, ao menos para formar bem seus próprios filhos.

³ O ginásio, fundado em 1874 como “Colégio Culto à Ciência”, passou ao controle do Estado em 1895 passando ser denominado “Ginásio de Campinas” (atual “EE Culto à Ciência”).

Recordando-se da época em que estudou na Escola Normal de Campinas e em relação às alunas, Sólton Borges dos Reis (ex-aluno da turma de 1935) observava:

Suponho que elas se destinassem ao magistério porque foi a profissão que abriu o caminho do feminismo. E realmente, as mulheres foram a maioria no ensino normal. Agora, só os homens faziam carreira? Geralmente era assim. Mas, hoje, em todos os cargos da administração do ensino, em todas as faculdades ou em universidades, a mulher pode fazer carreira, mas naquele tempo, não. Naquele tempo ainda não. Mas a mulher podia fazer carreira no magistério, porque ela tem outra condição: já é uma educadora nata. Se você educar uma mulher, você educa uma geração. Na escola, a instrução. Em casa, a educação. O lar é a educação. Você educa uma mulher, que já tem tanta intuição, que já sabe o que é bom e o que não é bom, se você educar uma mulher, você educa um homem, educa uma pessoa, um indivíduo. A escola, o jardim de infância, é tudo função da mulher, uma função que não é profissional, ela faz gratuitamente porque lhe é peculiar... isso aí não é uma questão de profissão, é que a mulher tem mesmo um vínculo maternal com a educação (REIS, 2002).

Outra explicação para a predominância feminina tem caráter econômico. O salário pago aos professores, especialmente primários, era muito baixo e não atraía os homens, que tinham o dever de sustentar suas famílias naquela época. Também não lhes possibilitava oportunidades de sucesso financeiro e econômico.

A utilização do trabalho feminino no campo da educação ganhou força no final do século XIX, sobretudo devido à urgência de conciliar a necessidade de um grande contingente de profissionais para atender à difusão da educação popular, com os baixos salários que eram pagos a esses profissionais. Tal fato tornou o magistério pouco atraente para os homens.

Por outro lado, a educação tornou-se um dos primeiros campos profissionais respeitáveis à atividade feminina, conforme os padrões da época. Portanto, ser professora tornou-se uma profissão especial, pois requeria uma formação específica que a distinguiu de outras profissões, dotando-a de especificidades. Para as mulheres que seguiram o caminho do magistério, esse fato significou novas possibilidades de inserção social.

A turma de 1935, por exemplo, era composta por seis rapazes e por setenta e quatro moças. O Grêmio Normalista dessa época saiu em defesa da “mulher moderna”, reclamando a ela os seus novos direitos na sociedade da década de trinta.

A guerra, o capitalismo, as complexidades da vida, a divisão do trabalho, o progresso, o aumento da população, a luta pela vida, fez nascer a mulher moderna, a mulher energia. [...]

Só a falta de compreensão nítida dos atuais problemas, pode negar à mulher esse direito de igualdade. Os que ainda conservam desejos de senhor, naturalmente são inimigos do progresso intelectual e moral. Entretanto eles serão vencidos e nós acabaremos por nos libertarmos totalmente deste casulo de convenções estúpidas que nos aprisiona, então qual numa nova crisálida nos aqueceremos aos loiros raios do sol da liberdade. [...]

A mulher brasileira não se libertou ainda de todo, porém a liberdade de que goza agora lhe foi conferida junto com a do negro. A debandada das mucamas, a derrocada dos alicerces em que se apoiava o edifício econômico da família brasileira, fez-las pensar no futuro que se lhes mostrava, bem turvo. [...]

A mulher de hoje não é mais a mocinha “bibelô” cujo fim é casamento “feliz”. Não são as esposas “vítimas”, nem tão pouco as solteironas que passam a vida chorando um amor passado. Ela, a mulher novo tipo é a que grita contra a servidão da família e da sociedade. [...]

Foi do ruído da guerra que surgiu esse cacto de flores maravilhosas e com fartos espinhos. Espinhos que as defendem das garras do homem e de flores maravilhosas porque a mulher moderna não perde sua feminilidade ao exercer os mais rudes misteres junto ao homem.

O tipo fundamental da mulher está em relação direta com o grau histórico de desenvolvimento econômico por que atravessa a humanidade. [...]

As mulheres do novo tipo ao criar valores morais e sexuais destroem os velhos princípios na alma das que não se aventuraram a aprender a marcha pelo novo caminho.

A vida em seu ritmo cada vez mais acelerado, obrigará os homens a aceitarem a mulher moderna, essas jovens de alma alegre e de cabeças firmes e sãs (BRAGA, 1935).

Contudo, como observado anteriormente, o lugar da mulher no mercado de trabalho reduzia-se a poucas profissões, entre elas, a de professora primária.

Hoje os pequeninos devem ser educados para o século em que hão de viver, para o século da televisão e não mais para o do automóvel.

Não devemos concorrer para a conservação de fósseis mentais e sim para o desenvolvimento de seres pensantes e capazes.

Para que essa educação se processe normalmente e com vantagens reais, urge que sua direção esteja confiada a pessoa competente e capaz de nortear e esclarecer esses espíritos em franca florescência.

Tem cabido até hoje à mulher a direção da infância.

Sendo tão complexo esse dever, hoje é necessário para o seu sucesso que a mulher se liberte do jugo masculino e se mostre tal qual é (BRAGA, 1935).

Em junho de 1936, ao ser questionada sobre qual era a profissão que mais apreciava para a mulher, Alda Lazzerone, então eleita Rainha dos Normalistas de Campinas, respondeu que era a de professora, pois: “o guia da mulher não é o coração? Sob essa direção vamos trabalhando com aquela alminha, que incessante nos pede o alimento necessário para a vida e desenvolvimento da sua inteligência.” (FOLHA DA NORMAL, 1936).

Porém, não era fácil seguir a carreira de professora primária. Recém-formadas, as professoras precisavam, primeiro, trabalhar em escolas da zona rural. Sólon Borges dos Reis, ex-aluno da turma de 1935, chegou a escrever um conto, onde narrava as angústias de uma moça que, logo após a formatura, foi lecionar em uma “escolinha da roça”. No conto, a professora Clarinha lamentava o desconforto e o isolamento em que vivia, ressentia-se das desconfianças com que fora recebida na roça, revelava a saudade que sentia dos tempos da

Escola Normal e questionava por que os professores não a haviam prevenido para o tipo de vida que a esperava.

Farjallat (2002, p.) observava que:

O professor primário não tem a sorte que tem hoje, que geralmente ele leciona na própria cidade. Veja a quantidade de ginásios que existem espalhados por Campinas. Naquele tempo, não. Era o Culto à Ciência e a Escola Normal. Mas acontece que as professoras já sabiam que iriam lecionar na roça. Eu lecionei algum tempo em escola rural, em condições difíceis... os alunos andando de pé no chão... eram roceiros mesmo. E as crianças se afeiçoavam ao professor e o professor também. Havia casos... eu tive casos de colegas que tiveram que escolher cadeira em lugares muito distantes e ficavam separados da própria família. Eu tive sorte, peguei umas aulas perto de Souza, pouco tempo, e logo fui me ajitando.

Uma possível alternativa era estudar um pouco mais, especializar-se e prestar o concurso para lecionar em escola secundária.

Eu vi que o primário era pior e não se ganhava nada... era muito pouco... e era a escola secundária que era a melhor... Então eu estudava inglês com um senhor inglês, idoso, chamado William Collier. Eu achei que poderia me aperfeiçoar em alguma disciplina, fazer concurso e lecionar na escola secundária. E foi o que eu fiz. Eu gostava de lidar com criança, mas tinha que começar na roça em condições difíceis. Então, eu achei mais prático lecionar na escola secundária. E foi o que eu fiz. Eu estudei bastante e submeti-me ao concurso em 1949 (FARJALLAT, 2002).

O concurso para professor era um processo rigoroso. Sólton Borges dos Reis e Célia Siqueira Farjallat observavam que constava de três provas:

Para o concurso tinha que fazer aquelas três provas... Tinha que fazer a prova de erudição para uma banca, que contestava ou não, sobre um ponto sorteado vinte e quatro horas antes. Depois você lia essa prova e finalmente você dava uma aula na Escola de Aplicação ou Grupo Escolar anexo. 'Dá uma aula aí de aritmética para o 3º ano', 'dá uma aula de linguagem escrita para o 2º ano'. Era o concurso de 1949, de três provas... (REIS, 2002).

Em 1949 eu fiz o concurso para o magistério público secundário. O concurso era feito em São Paulo, com rigor muito grande constando de três provas. A primeira era prova de erudição, quando o candidato era obrigado a falar durante 50 minutos, em inglês, sobre um determinado ponto, que era sorteado na véspera. Ora, o ponto era tirado de uma lista muito grande, uns 30 autores e épocas da literatura inglesa e americana. Eu me lembro que pra mim caiu Robert Browne. E eu discorri sobre ele. Era chamada prova de erudição porque havia perguntas em inglês, com uma banca muito complicada, muito culta. Depois havia a segunda prova, que era a leitura desta anterior. E a terceira era uma aula, a prova didática, em que a gente tinha que, durante 50 minutos, dar uma aula sobre determinado assunto... sobre, por exemplo, meios de comunicação, estações do ano, dentro daquilo que alunos de determinada série pudessem assimilar (FARJALLAT, 2002).

No cenário dos anos vinte e trinta, o ideário republicano propagava uma nova concepção sobre o papel do professor. Passou-se a compreender que a ação social do mestre

não se restringia apenas aos limites da sala de aula, mas ultrapassava-os para atingir a sociedade como um todo. A valorização da função social do professor estava voltada para a formação do cidadão. De acordo com o discurso do professor Murillo Mendes, paraninfo da turma de professorandos de 1928:

O ideal educativo de nossos dias, muito distinto do ideal clássico, já não se contenta com o desenvolvimento harmônico das faculdades do espírito para a perfeita adaptação do indivíduo às leis da vida, senão que ainda exige a sua eficiência integral na sociedade, onde as crescentes necessidades de um mundo cada vez mais complexo, repousam sobre a cooperação de todos os homens (MENDES, 1929, p.135).

Porém, embora os republicanos defendessem a laicização do ensino, em seus discursos conservavam-se traços de uma visão teológica da realidade e, assim, o professor passou a exercer o papel que anteriormente se atribuía ao sacerdote. O magistério passou a ser o novo apostolado e o mestre tornou-se o sacerdote, com a tarefa de moralizar e instruir a população dentro dos preceitos da moral social: “não deveis, entretanto, desanimar ao ouvirdes esta afirmação, lembrai-vos antes que sois patriotas e que espontaneamente abraçastes a causa sacrossanta de continuar a preparação do futuro do Brasil” (CORRÊA, 1930, p.162).

Devido à importância dada à educação com o advento da República, propiciou-se a constituição de representações sobre a profissão docente nas quais o professor passou a ser responsável pela formação do povo, uma vez que este era considerado o elemento reformador da sociedade. O mestre, “esperança da Pátria”, era o portador de uma nobre missão cívica e patriótica. Através dele se poderia reformar a escola, levando-a a realizar as grandes finalidades da educação pública.

Preparar inteligências para o desenvolvimento das ciências, da arte e das letras.

E ainda, preparar o homem fisicamente, pois como bem reza o aforismo latino *men sana in corpore sano*, temos necessidade urgentíssima de braços fortes para o arroteamento do solo e consciências lúcidas e espíritos vigorosos, que lutem tenazmente, com uma coragem leonina, tornando cada vez mais limpos e independentes os horizontes da terra Pátria!

[...]

Por isso, professores da minha terra, da terra dos Bandeirantes, vós que sois os ‘gonfaloneiros da luz’, e, vos também meus colegas, que amanhã ides comigo dar luz e entendimento a essas criancinhas nossos irmãos, que no futuro poderão ser os braços fortes do País, levantai, saí desse marasmo negro e tenebroso como o pego insondável, em que se encafurdam esses parasitas e vamos levar aos nossos irmãos pequenos, filhos da nossa terra, as luzes que possam com eminência extraordinária ser a luz bendita da regeneração e o sustentáculo estupendo do Brasil, e ‘trabalhai pela Pátria e daí felicidade, messianicamente, espalhando a bondade’ (LEME, 1917).

Qual seria a finalidade da educação pública?

A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar ‘a hierarquia democrática’ pela ‘hierarquia das capacidades’, recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação. Ela tem, por objeto, organizar e desenvolver os meios de ação durável, com o fim de ‘dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas de seu crescimento’, de acordo com uma certa concepção do mundo (AZEVEDO, 1932, p.09).

Em discurso, o professor Geraldo Alves Correa, paraninfo da turma de professorandos de 1929 e diretor da Escola Normal de Campinas, questionava: “não é verdade que as nossas almas se uniram para difundir a prática dos bons exemplos, do trabalho, da ordem, do respeito, da obediência, da amizade e da honra?” (CORRÊA, 1930, p.161).

Continuava o paraninfo no seu apelo cívico às formandas:

Vede [...] qual é a vossa missão? É a de educar e depois instruir os vossos futuros discípulos dando-lhes bons exemplos. [...]

Difundi pelos vossos exemplos o cumprimento do dever, a sã moral, o respeito às leis e a consideração às nossas autoridades. Pregai que todos nos devemos querer e respeitar mutuamente. Procurai banir a mentira, a hipocrisia e os interesses descomedidos. Fazei de vossos alunos bons brasileiros. [...]

Não vos esqueçais nunca desta Escola, deste templo bendito, onde sopra sempre uma aragem aveludada de trabalhos e de civismo.

Aqui aprendestes a amar o belo, o útil e o justo. [...]

Sede boas professoras brasileiras, falai do Brasil com orgulho e com entusiasmo; velai pelo nosso bom nome, pelas nossas produções, pela conservação e embelezamento da nossa língua e pelo respeito às nossas autoridades constituídas. [...] (CORRÊA, 1930, p.165-168).

O sucesso da nova escola pretendida dependeria dos professores formados pela Escola Normal, “templo bendito”, “recinto sagrado”. Sua formação se daria segundo concepções educacionais modernas, de acordo com os valores republicanos. Desse modo, o magistério tornava-se uma profissão digna, reconhecida e edificante.

Azevedo (1932) complementava que o professor não deveria interessar-se apenas pelos fins da educação, mas também pelos meios de realizá-la. O educador necessitaria possuir uma cultura múltipla e bem diversa, além de ter o conhecimento dos homens e da sociedade em cada uma de suas fases, para perceber “a posição que tem a escola, e a função que representa, na diversidade e na pluralidade das forças sociais que cooperam na obra da civilização” (AZEVEDO, 1932, p.4).

Se tem essa cultura geral que lhe permite organizar uma doutrina de vida e ampliar o seu horizonte mental, poderá ver o problema educacional em conjunto, de um ponto de vista mais largo, para subordinar o problema pedagógico ou dos métodos ao problema filosófico ou dos fins da educação; se tem um espírito científico empregará os métodos comuns a todo gênero de investigação científica, podendo recorrer a técnicas mais ou menos

elaboradas e dominar a situação, realizando experiências e medindo os resultados de toda e qualquer modificação nos processos e nas técnicas, que se desenvolveram sob o impulso dos trabalhos científicos, na administração dos serviços escolares (AZEVEDO, 1932, p.4).

Para além de uma formação específica, os normalistas da Escola Normal de Campinas de 1935 não ficavam restringidos às atividades realizadas em sala de aula. Durante muitos anos, o Grêmio Estudantil foi o responsável por agitar o cotidiano escolar e a comunidade com as festas e a publicação de jornais que promovia.

Os alunos da turma de 1935 relembram-se das festas cívicas, que eram comemoradas com entusiasmo, e toda classe tinha seus poetas. A de Célia Siqueira Farjallat tinha Sólton Borges dos Reis e João D'Oliveira Toledo, cujos sonetos eram publicados nos jornais escolares, como o “O Normalista”⁴, de publicação do Grêmio “Álvares de Azevedo”⁵. Esse periódico divulgava também notícias, reportagens e os trabalhos considerados mais significativos relacionados com os conteúdos desenvolvidos pela Escola. Quanto ao Grêmio “Álvares de Azevedo”, a ex-aluna Maria Elisa Siqueira de Souza Camargo foi presidente desse Grêmio e, na época, era a encarregada de organizar as festas e piqueniques da turma de 1935 (COSTA, 1995).

Importante observar que a tarefa de organizar festas, excursões e outros eventos semelhantes cabia às alunas que participavam do Grêmio. Já os alunos, ainda que em número bem reduzido, encarregavam-se de escrever artigos que discutiam problemas do cotidiano escolar, questões educacionais, além de organizar campanhas como a “Semana da Higiene”.

Tal campanha, realizada pelo Grêmio Normalista de 19 a 24 de agosto de 1935, sob direção de Sólton Borges dos Reis e coordenação do professor João Gumercindo Guimarães, então responsável pela cadeira de Higiene do curso normal, visava difundir entre o povo, ensinamentos a respeito de higiene, condições de conservação e melhora da saúde. Para tanto, o Grêmio lançou mão dos meios de que dispunha na época, como publicação de impressos, folhetins e panfletos, que discorriam sobre o assunto nos diversos estabelecimentos escolares da cidade, além de palestras educativas pronunciadas na Rádio Educadora de Campinas.

Os assuntos, publicados ou ministrados nas palestras, eram os mais variados. Abrangiam temas relacionados a doenças como: alcoolismo, amarelão, tuberculose, maleita,

⁴“O Normalista” foi lançado em 15 de agosto de 1933, sob a direção de Sólton Borges dos Reis e João de Toledo, e sobreviveu por mais de vinte anos. Outras publicações da época foram: *A voz da Normal*, *Folha da Normal* e *Tribuna da Normal* (PEQUENO GUIA..., 1947, p.28).

⁵O Grêmio Normalista “Álvares de Azevedo” foi fundado em 1º de fevereiro de 1933 pelos estudantes Sólton Borges dos Reis, João de Toledo, Mario Orlando Gagliardi e Lucia do Carmo Barbosa. Posteriormente recebeu a denominação de Associação Normalista “Álvares de Azevedo” (PEQUENO GUIA..., 1947, p.27).

lepra, varíola, ociosidade, cegueira, tracoma, raiva, bem como sobre alimentos e outros cuidados para uma vida saudável: leite, ovos, carne, frutas, trabalho, lazer e higiene da boca.

A disciplina de Higiene e Puericultura, base da difusão escolar dos princípios de uma vida sadia, transmitia noções de higiene ao povo por meio dos alunos. Capazes de cuidar de si mesmos, os alunos estariam preparados para cuidar também de suas famílias, dentro dos princípios higiênicos. Higienizar significava moralizar. O objetivo era emancipá-los, evitando que se degradassem física e moralmente.

É importante lembrar, ainda, que Campinas havia sido duramente afetada pela epidemia de febre amarela, em surtos que se estenderam de 1889 (primeiro surto) a 1896 (terceiro surto), e em 1918 ainda enfrentou a gripe espanhola. Assim, os normalistas acreditavam que a campanha por eles empreendida era “a tradução fiel do amor e devoção do campineiro para com sua terra e seu povo”.

Essa agremiação [o Grêmio Normalista], cujos destinos são norteados por um pugilo de jovens entusiastas e idealistas logrou, nas diversas facetas do seu onímodo campo de ação, honrar sobremaneira a nossa Escola Normal, esse Templo de Luz onde se plasma o caráter de todos quantos em seu seio esfalfantemente mourejam na alma indômita de alcançar o facho de Luz, que balouça em sua frente mas cuja conquista implica perseverança e dispêndio de esforços inauditos (CAMARGO, 1935).

Os normalistas, “jovens entusiastas e idealistas”, acreditavam que “a nação que timbra pelo menoscabo à saúde de seu povo, desconhecendo os mais rudimentares preceitos de Higiene, marcha inevitavelmente para a própria ruína porquanto é a saúde o alicerce sobre o qual se vão assentar os destinos de um povo” (CAMARGO, 1935).

Farjallat (2002) foi uma das alunas designadas a participar da campanha, porém não na sua organização: “eu também fui uma das alunas designadas para falar no rádio. Eu me lembro que eu falei sobre o leite, a importância do leite, os cuidados na conservação do leite, o leite na alimentação do idoso, da criança, etc”.

Iniciativas como a da Semana da Higiene reforçavam a importância da Escola Normal de Campinas no imaginário do campineiro, pois a sua presença, além de ser considerada pela sociedade como um privilégio, era relevante também pelo fato de que atendia às suas expectativas de bem formar seus filhos, de torná-los aptos na luta pela vida. Além disso, havia a presença suntuosa do prédio da Escola no centro da cidade. O cidadão da época via a instituição “(...) como transmissora da verdadeira cultura do espírito e competente para desenvolver harmoniosamente as forças do ser humano, sendo, por isso, capaz de tornar as pessoas boas, sãs e felizes” (NASCIMENTO, 1999, p.92).

Uma última questão ainda em relação à formação dos alunos da Escola Normal de Campinas é a de suas expectativas quanto ao futuro. O que queriam os alunos da Normal ao se matricularem numa escola que formava professores? O que significava o diploma conquistado?

Para Sólon Borges dos Reis, “muitos estavam de olho no diploma para continuar e muitos não. Mesmo mulheres... Não é porque é mulher que ela ia ser professora e poucas se destacaram depois, porque são coisas da época, não da escola” (REIS, 2002).

A fala de Sólon reflete bem a época. A maioria das mulheres frequentava a escola enquanto aguardava pela oportunidade do casamento. Poucas iam ser professoras e as que seguiam a carreira do magistério o faziam por dificuldades financeiras ou porque desejavam mesmo uma profissão que fosse reconhecida socialmente. Os homens, porém, utilizavam o diploma da Normal para prosseguirem em seus estudos e seguirem carreiras que lhes possibilitasse sucesso econômico e social.

[A Escola] ministrou os ensinamentos básicos e possui mestres que se projetaram sobremaneira na vida pública. Entre eles, o prof. Ernesto Leme, antigo reitor da Universidade de São Paulo; deputado Sólon Borges dos Reis, ex-secretário da Educação do Estado de São Paulo; Nelson Omegna, ex-ministro do Trabalho no governo JK; Andranico de Melo, que foi chefe do Ensino Técnico, Secundário e Normal do Estado; Lino de Moraes Leme, catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito Civil de São Paulo e ex-deputado federal; Floriano de Azevedo Marques, João Lourenço Rodrigues, Carlos Corrêa de Mascaro e João Augusto de Toledo, entre outros. (CHEGA..., 1963).

A exposição inicial sobre a memória e os lugares que a ela se reservam, deu-se no sentido de demonstrar como as diferentes percepções recriam o passado, trazendo um novo que não é único, mas que aponta tendências. Além disso, procurou-se analisar as ideias e as preocupações daqueles que buscavam a formação de professores na Escola Normal de Campinas, trazendo à cena suas crenças e expectativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foi apresentada uma discussão acerca das representações de ex-alunos da Escola Normal de Campinas no período 1920-1936. Analisando as suas falas, pode-se verificar que as representações que os mesmos tinham a respeito da escola não eram divergentes. Ao contrário, eram muito semelhantes e deixavam transparecer vestígios de uma época em que prevaleciam valores como solidariedade, patriotismo, entre outros.

Percebeu-se, ainda, as crenças e as expectativas daqueles que buscavam a formação de professores na Escola Normal de Campinas, bem como as questões de gênero presentes no itinerário da história da formação docente, sobretudo do professor primário.

BELIEFS AND EXPECTATIONS OF EX-STUDENTS OF NORMAL SCHOOL OF CAMPINAS IN THE PERIOD 1920-1936

ABSTRACT

Through a cultural-historical approach, this paper presents a discussion of representations of ex-students of the Normal School of Campinas in the period 1920-1936. When trying to capture the movements of continuities and ruptures that articulate the signs and traces of the condition and the social relations of and between subjects, we observed that the representations of practices experienced protruded as symbols of an era. The text also presents a brief discussion on the issue of memory trying to demonstrate how the different perceptions recreate the past, besides analyzing the ideas and concerns of those who sought the training of teachers in this institution.

Keywords: Representations. Normal school. Teacher training.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. de et al. A reconstrução educacional no Brasil. **Revista Educação**, vol. 6, jan/mar.1932, p.03-31.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, A. P. A mulher moderna. **Folha da Normal**, Campinas, v. 1, n. 04, nov.1935.

CAMARGO, C. A. Semana de Higiene. **Folha da Normal**, Campinas, v.1, n. 01, ago. 1935.

CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990, p. 13-28.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n. 11, jan./abr. 1991, p.173-191.

CHEGA aos 60 anos o IE ‘Carlos Gomes’, de Campinas. [S.n., s.l.]. 12 maio 1963.

CORRÊA, G. A. Discurso de paraninfo. **Revista Educação**, v. 11, maio 1930, p.160-168.

_____. Escola normal de 1918. **Correio Popular**, Campinas, SP, 01 maio/1959.

COSTA, M. T. Ex-estudantes querem salvar escola: formandos de 1935 da Escola Normal Carlos Gomes articulam reforma do colégio que já foi símbolo da cidade. **Correio Popular**, Campinas, 11 dez./1995, Cidades, p.01.

FARJALLAT, C. S. A crônica de uma escola. **Correio Popular**, Campinas, SP, 10 maio 1997.

_____. **Depoimento**. 2002.

FOLHA DA NORMAL, v. 2, n.7, Campinas, 06 jun. 1936.

LEME, J. Homenagem aos professorandos de 1917. **Polyanthea**, Grêmio Normalista '17 de Julho', Campinas, v. 2, n. 09, 28 nov. 1917.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto história: trabalhos da memória**. São Paulo, n.17, nov./98, p.01-495.

MENDES, M. Discurso de paraninfo. **Revista Educação**, v. 6, jan./fev. 1929, p.133-142.

NASCIMENTO, T. A. Q. R. do et al. **Memórias da educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória da Unicamp, 1999.

PEQUENO guia da Escola Normal 'Carlos Gomes', 1947.

PROST, A. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, J. P.; SIRINELLI, J. F. (Org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p.123-137.

REIS, S. B. dos. **O tempo: via e viagem**. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

_____. **Depoimento**. 2002.

_____. **Janela para o céu**. [S. l.]: Texto impresso, s.d.

SOUZA, M. C. C. C. de. **Escola e memória**. Bragança Paulista, SP: IFAN-CDAPH; EDUSF, 2000.

VERZIGNASSE, R. Prédio histórico vive situação de abandono. **Correio Popular**, Campinas, SP, 3 set. 1995.